

Estratégias de autoproteção: como o medo influencia as sociabilidades de mulheres usuárias do Tinder em Santa Maria-RS

*Strategies of auto-protection:
how fear influences the sociability of
female users of Tinder in Santa Maria - RS*

**Carolina Carvalho¹,
Francis Moraes de Almeida²**

1. Jornalista, mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria e Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. framses@gmail.com

2. Psicólogo e Cientista Social, mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005), Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Professor da Universidade Federal de Santa Maria e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM. ppgcienciassociais@ufsm.br

Resumo: As formas de relacionamento têm mudado rapidamente desde o advento da internet, fenômeno que se acelerou com a popularização dos smartphones e o desenvolvimento de aplicativos específicos para relacionamentos. As emoções envolvidas nos contatos estabelecidos a partir dessas plataformas influenciam imensamente as sociabilidades dos sujeitos. Em Santa Maria-RS, mulheres usuárias do aplicativo Tinder que estão em busca de homens na plataforma apresentam duas emoções preponderantes em suas percepções acerca da ferramenta: desejo e medo. O desejo é o que as move em busca desses parceiros, e o medo é o que faz com que elaborem estratégias

de autoproteção antes de estabelecer esse encontro. Partindo das perspectivas de desejo defendidas por Miskolci e do medo, por Borges e Barbalet, e com a intenção de analisar a tensão existente entre essas duas emoções e quais são as estratégias de autoproteção desenvolvidas por essas mulheres, esse trabalho parte de uma investigação etnográfica desenvolvida a partir da observação participante do Tinder e de entrevistas intermediadas pela plataforma e desenvolvidas, também, de maneira pessoal. Evidencia-se que essas mulheres, apesar de nunca terem vivenciado situações de medo ou violência em encontros estabelecidos pela internet, têm a intenção de exercer seus desejos e conhecer esses homens, mas não saem de casa sem tomar precauções.

Palavras-chave: Mídias sociais; Medo; Desejo.

Abstract: Relationship forms have changed rapidly since the advent of the internet, a phenomenon that has accelerated with the popularization of smartphones and the development of relationship-specific applications. The emotions involved in the contacts established from these platforms greatly influence the sociability of the subjects. In the city of Santa Maria-RS, women users of the Tinder app that are searching men on the platform describe two preponderant emotions in their perceptions about the interactions using the app: desire and fear. Desire is what drives them in search of these partners, and fear is what causes them to devise strategies of self-protection before establishing a physical encounter. Based on the perspectives of desire defended by Miskolci and fear, by Borges and Barbalet, and with the intention of analyzing the tension between these two emotions and what are these strategies of self-protection developed by these women, this work starts from a developed ethnographic investigation from the participant observation of Tinder and interviews intermediated by the platform and developed, also, in a personal way. What is evident here is that these women, although they have never experienced situations of fear or violence in meetings established by the Internet, intend to exercise their desires and meet these men, but they do not leave home without taking precautions.

Keywords: Social medias; Fear; Desire.

Introdução

Vivemos conectados. Os smartphones estão nas mãos, nas bolsas e nos bolsos, nas mochilas e diante dos olhos de muita gente. Ao redor do planeta, no primeiro semestre de 2019, éramos mais de 7,6 bilhões¹ de usuários da rede – 116 milhões deles, só em nosso país. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², ao final de 2017, 69,8% dos brasileiros, com idade acima de 10 anos, tinha acesso à internet. A mesma pesquisa também identificou que 96,6% das pessoas conectadas utiliza a internet, sobretudo, para a troca de mensagens em aplicativos. Nesse contexto, é possível afirmar que também se transformaram as maneiras encontradas pelas pessoas para se relacionarem umas com as outras. Esses novos modos são, em grande parte, mediados por novas mídias digitais, muitas delas, criadas justamente com esse fim, o de fazer as pessoas se conhecerem e se relacionarem entre si.

Nesse contexto de midiatisação das relações, essa investigação tem como objeto de estudo o Tinder, aplicativo com o maior número de usuários entre os que foram criados com essa finalidade especificamente para smartphones. A plataforma tem milhares de usuários em diferentes lugares do mundo e, com tamanho alcance e relevância, tornou-se objeto de diferentes estudos, sobretudo no que diz respeito à maneira como as pessoas se portam na ferramenta, que construções fazem de si, como organizam seus perfis, o que mostram e o que escondem, o que pretendem nesse espaço virtual e por quais motivos escolhem a plataforma para empreender a busca por um relacionamento. Mas, enquanto a atenção dedicada à constituição do perfil na rede social e dos modos de se mostrar nesses aplicativos é tão grande e absolutamente relevante, pouco se estudou, pelo menos até agora, sobre os medos que cercam os usuários e podem ser determinantes em seus comportamentos no uso da plataforma e no estabelecimento de relações no âmbito off-line que tenham tido início a partir do aplicativo.

1. De acordo com o relatório divulgado pelo site We Are Social, disponível em <https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>, acessado em 31 de maio de 2019.

2. Disponível em: <www.ibge.org.br>. Acesso em: 31 de maio de 2019.

Em mulheres usuárias do Tinder em Santa Maria-RS, o medo é uma emoção que permeia intensamente as relações que estabelecem com homens por meio do aplicativo. O temor que sentem de serem vítimas de violência por parte desses sujeitos é tão intenso que, em sua maioria, elas elaboram estratégias de autoproteção e defesa antes de saírem de casa para encontrar pessoalmente esses homens. Assim, esse trabalho quer investigar como se dá a tensão entre o desejo e o medo entre mulheres usuárias do Tinder em Santa Maria-RS e como essas mesmas mulheres buscam se proteger de um parceiro que é percebido por muitas delas como alguém mais forte e, logo, com maior potencial ameaçador – sem deixar de considerar que essas mulheres estão inseridas em um contexto em que a violência de gênero³ influencia suas sociabilidades em diferentes âmbitos da vida.

Ainda sobre o que diz respeito às novas formas de relacionamento e sociabilidade que fazem parte do cotidiano da maioria de nós atualmente, Castells (2015, p. 40) preconiza que, “se precisarmos de uma resposta ao que aconteceu com a sociabilidade no mundo da web, aqui vai: há um drástico aumento em sociabilidade, mas em um tipo diferente de sociabilidade, facilitado e dinamizado pela conectividade permanente, favorecida pela difusão da comunicação móvel”. O autor rechaça a ideia de que essa sociabilidade on-line nos transporta para uma realidade virtual e defende que, ao contrário disso, vivemos em uma “virtualidade real, uma vez que as práticas sociais, compartilhamentos, combinações e vida em sociedade são facilitadas na virtualidade” (CASTELLS,

3. Considero, aqui, a influência da violência de gênero sobre as sociabilidades dessas mulheres partindo de dados que comprovam os índices de vitimização feminina, sobretudo, em decorrência de agressões e crimes cometidos por homens. De acordo com o último Mapa da Violência 2015 – Homicídios contra Mulheres no Brasil, divulgado no mesmo ano pelo governo, dos 4.762 homicídios de mulheres registrados em 2013, 2.394, isto é, 50,3% do total naquele ano, foram perpetrados por um familiar da vítima, na maioria, homens. Isso representa perto de sete feminicídios diários no referido ano, cujo autor foi um familiar. Além disso, 1.583 dessas mulheres foram mortas pelo parceiro ou ex-parceiro, o que representa 33,2% do total de homicídios femininos daquele ano. Nesse caso, as mortes diárias foram quatro. Ou seja, as mulheres estão sendo agredidas, violentadas e mortas por pessoas próximas que, em sua maioria, são homens.

2015, p. 41). De acordo com Illouz (2011, p. 109), há quase 10 anos, de 20 a 40 milhões de pessoas, só nos Estados Unidos, visitavam mensalmente os sites de relacionamentos da rede e mais de um milhão dos usuários dessas ferramentas tinha mais de 65 anos.

Considerando que essa mudança de configuração na busca por um relacionamento está em transformação, é possível dizer que as formas pessoais de agenciamento sobre o desejo também mudaram. Diante da tela do computador e do celular e do “cardápio”⁴ de possíveis parceiros disponíveis on-line, o usuário passa a ter uma maior sensação de liberdade para exercer o flerte – embora, para as mulheres, mesmo que o processo se dê no âmbito do privado e não esteja visível aos olhos da maioria, ainda é preciso precisar enfrentar julgamentos e estigmas (GOFFMAN, 1988) sociais decorrentes dessa busca. Entendendo-se o desejo a partir da perspectiva de Miskolci (2017, p. 27), tem-se que essa emoção “não vem de dentro de um sujeito dado, tampouco é imposto por algum aparato externo a ele. O desejo é um eixo articulador entre o sujeito e a sociedade, sendo moldado na interação social”. Nesse sentido, adota-se uma perspectiva mais desnaturalizada do desejo, que passa a ser entendido “não como pulsão, mas como um eixo de negociação entre aspirações individuais e valores coletivos” (MISKOLCI, 2017, p.57).

No entanto, ao mesmo tempo em que ampliou a possibilidade de exercer o desejo de maneira mais livre, a tecnologia também despertou novos temores em usuários, sobretudo, entre aqueles que passaram a desenvolver aproximações com pessoas com as quais não têm ou não tiveram contato pessoal prévio. Barbalet (2001, p. 217) preconiza que o medo é “uma emoção incapacitante” e, para nos ajudar a compreender como essa emoção é compreendida, o autor parte da concepção darwiniana de medo, que diz que a emoção em questão é uma reação à percepção de perigo. Bem, mas, quando se trata de medo social, não uma reação quase fisiológica, é preciso considerar, conforme ensina Barbalet, o que é alvo de temor e quem teme, considerando-se

4. O termo “cardápio” será usado aqui no sentido de um espaço que reúne diferentes possibilidades de escolha para satisfação pessoal, como ocorre em um cardápio de restaurante, mas de pessoas que estão disponíveis em aplicativos de relacionamentos.

que “o medo é uma experiência intersubjetiva na qual cada indivíduo contribui necessariamente para a experiência social do medo que outros também sentem” (BARBALET, 2001, p. 222). Borges (2011, p. 19) segue uma corrente similar argumentando que o medo é uma reação emocional diante de uma sensação de perigo e de uma ameaça que é acionada por um estímulo construído a partir da acumulação cognitiva social e cultural das pessoas. A partir dessa acumulação, defende o autor, geram-se crenças de perigo, que identificam os estímulos e acionam os sentimentos de insegurança e de medo. A isso, o autor acrescenta que todos estamos suscetíveis ao medo, mas o temor que atinge algumas pessoas, não necessariamente, tem o mesmo efeito em outras. Ou seja, é possível que, para algumas pessoas, o medo de sofrer um assalto, por exemplo, seja determinante para evitar determinados locais em determinados horários, enquanto outras andem tranquilamente e sem preocupações pelos mesmos horários e locais tão temidos. Diante da investigação empreendida por nós no aplicativo Tinder em Santa Maria-RS, é possível pensar nessa perspectiva de como o medo pode ser percebido de maneiras diversas por diferentes sujeitos a partir dos depoimentos de mulheres usuárias da plataforma. Enquanto, para algumas, o medo de ser vítima de violência por parte de homens que conhecem pelo aplicativo faz com que evitem encontros, para outras, o medo gera precaução, mas não as impede de viver experiências face a face com esses sujeitos.

É importante considerar, ainda, que essa emoção cotidiana, o medo, situa-se em uma contemporaneidade que oferece, por diferentes plataformas e à exaustão, uma quantidade imensa de informações relacionadas à criminalidade e à vitimização, sobretudo de mulheres, com relação a todo tipo de violência, do assalto ao homicídio, passando pelo estupro e demais tipos de abuso. Esse contexto de acesso massivo à informação parece influenciar fortemente as decisões cotidianas mais simples da vida do sujeito, sobretudo das mulheres, e perpassa desde a roupa escolhida para sair de casa até as estratégias de autopreservação diante de situações potencialmente ameaçadoras. Assim, evidencia-se, entre usuários dessas plataformas de relacionamento, um processo de negociação entre a vontade de exercer o desejo de maneira mais livre e o temor de ser vítima de violência.

Metodologia

A opção metodológica escolhida para desenvolver essa pesquisa foi a abordagem qualitativa, a partir do empreendimento de uma etnografia, feita com base na observação participante no Tinder e em entrevistas realizadas por meio do aplicativo e, depois, em encontros pessoais. Para que o desenvolvimento do trabalho fosse possível, foi preciso criar um perfil na plataforma, que é um aplicativo para relacionamentos disponível para os sistemas operacionais iOS e Android, gratuitamente. A ferramenta foi pensada especificamente para smartphones, mas hoje já pode ser acessada de tablets e computadores. Criado em 2012, o Tinder estava presente, seis anos depois, em 196 países do mundo, de acordo com o site oficial da plataforma⁵. O aplicativo de paquera online é, atualmente, o mais popular no planeta em número de usuários e, embora existam outros com o mesmo propósito ou com intenções semelhantes, o alcance obtido pelo Tinder foi o critério utilizado para a escolha dessa plataforma no desenvolvimento deste trabalho. Ainda de acordo com seu site, o aplicativo é usado por mais de 100 milhões de pessoas em todo o planeta. Assim como as demais mídias digitais que se proliferam com rapidez, essa ferramenta tem se tornado, junto com outras que surgiram com propósitos semelhantes, uma mediação transformadora na busca de homens e mulheres por relacionamentos. O aplicativo foi idealizado, fundado e opera em Los Angeles, Califórnia, nos Estados Unidos, e, ainda de acordo com o site do Tinder, o fundador e presidente da plataforma é Sean Rad. Justin Mateen é co-fundador do aplicativo, mas não faz mais parte da empresa. Ainda de acordo com o site oficial da plataforma, cerca de 1,6 bilhão de interações ocorrem diariamente, por meio do aplicativo, no mundo todo.

Nossa pesquisa foi desenvolvida no município de Santa Maria-RS, conhecido por ser uma cidade universitária e militar, que historicamente se desenvolveu no entorno de uma ferrovia considerada estratégica, já que o município ocupa uma região de importante ligação com diferentes partes do Rio Grande do Sul (RS). Situada na Região Central e, por isso, chamada de Coração do Rio Grande, Santa Maria tinha, em 2018, uma população estimada

5. Disponível em: <<https://tinder.com>>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

de 280.505 pessoas, de acordo com o site do IBGE⁶, sendo a quinta maior em número de habitantes no Estado. É considerada uma cidade de transição, partindo-se da perspectiva de que grande parte da população é composta por estudantes e militares – Santa Maria tem oito instituições de Ensino Superior, entre elas, a Universidade Federal de Santa Maria, a maior do interior do Estado, e abriga a sede da 3ª Divisão de Exército e a Ala 4, base aérea de relevância para a aeronáutica, formando, assim, o segundo maior contingente militar do país. A maior parte da população tem entre 15 e 30 anos, em uma proporção simétrica de homens e mulheres, e 95% das pessoas vivem na zona urbana. Em 2016, o salário médio mensal do santa-mariense era de 3.1 salários mínimos, o que, em valores atualizados, daria cerca de R\$ 3 mil. Além disso, em 2010, 98% das crianças com idades entre 6 e 14 anos estavam matriculadas em colégios da cidade – Santa Maria conta com 108 escolas de Ensino Fundamental, e 40, de Ensino Médio. A cidade fica a 290 quilômetros da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Para que as usuárias aceitassem participar da pesquisa, elaboramos um cartaz que foi anexado ao perfil criado no Tinder explicando que nossa presença no aplicativo tinha fins exclusivamente acadêmicos e pedindo que elas aceitassem conversar. Isso porque, para que pudéssemos estabelecer um contato, não bastava que aprovássemos os perfis delas. Era preciso que elas também aprovassem o perfil desenvolvido para a pesquisa, estabelecendo uma combinação ou *match* entre os perfis, de modo a permitir a utilização do chat através da própria plataforma. Esta abordagem metodológica deu certo e, entre outubro de 2017 e dezembro de 2018, foram contatadas 207 mulheres, das quais 153 se mostraram interessadas em contribuir com o trabalho naquele momento e no futuro. Dentre essas 153 que se mostraram interessadas no início, 102 (67%) responderam a todos os questionamentos e se prontificaram a seguir contribuindo com a pesquisa, outras 30 (19%) responderam a apenas algumas perguntas e, depois, pararam de responder, saíram do Tinder ou desfizeram a combinação entre nossos perfis (o que

6. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2019.

apaga o registro de todo o contato estabelecido entre nós), e 21 (14%) disseram que queriam participar, mas não responderam a nenhuma pergunta. Essa dinamicidade do campo exigiu uma sistematização complexa dos dados, a partir de reproduções das telas das conversas para que, caso o contato fosse desfeito por elas, as respostas não se perdessem.

No grupo de 207 mulheres com as quais foram estabelecidas combinações, 110 (53,1%) tinham idades entre 21 e 30 anos, 59 (28,5%) tinham entre 31 e 40 anos, 19 (9,17%) tinham de 18 a 20 anos, 14 (6,7%) tinham de 41 a 50 anos, apenas uma (0,48%) tinha 51 anos e cinco pagaram para que a idade não aparecesse no perfil (2,4%). Além disso, a maioria delas estava no mercado de trabalho à época da construção do corpus da pesquisa: 92 (44,4%) informaram a profissão no perfil. Outras 53 (25,3%) se declararam estudantes, cinco (2,4%) se descreveram como profissionais atuantes e estudantes, uma informou que não estudava nem trabalhava (0,48%) e 57 (27,5%) não informaram se estudam, trabalham ou estão em busca de uma colocação no mercado.

Entre as 207 mulheres com as quais estabeleci um *match*, seis foram escolhidas para entrevistas mais aprofundadas que foram realizadas entre os meses de setembro e novembro de 2018. Cinco delas foram entrevistadas pessoalmente. A sexta foi entrevistada por telefone em decorrência de uma incompatibilidade de agendas. Conforme combinado com elas e as demais que foram contatadas apenas pelo Tinder, nenhuma seria identificada no trabalho. Para fins de organização dos dados e dos perfis das seis entrevistadas, as seis foram identificadas com os nomes de cantoras brasileiras, escolhidos por elas mesmas: Cássia Eller, Elis Regina, Tiê, Elza Soares, Karol Conká e Roberta Miranda.

Emoções e estratégias de autoproteção

As seis interlocutoras que contribuíram de maneira mais aprofundada com essa pesquisa fazem parte da maioria que começou a usar o Tinder para exercer o desejo com mais liberdade – grande parte dessas mulheres entrou no aplicativo em busca de ter mais um canal para conhecer pessoas e estabelecer conversas com homens de maneira mais rápida, fácil e direta. Os motivos que

as levam a procurar a ferramenta como um dispositivo para interagir com esses sujeitos são diversos, mas, independentemente do gatilho que as fez criar um perfil no aplicativo, entre as 132 mulheres que responderam todas ou parte das perguntas, 129 (98%) disseram que usam o aplicativo como uma ferramenta para conhecer pessoas novas, que o Tinder facilita a paquera, no sentido de ser de prático manuseio, que as ajuda a se sentirem mais bonitas e desejáveis e que não descartam a possibilidade de conhecer, pessoalmente, os homens com os quais conversam pelo aplicativo. Já outras três (2%) afirmaram que usam o aplicativo apenas com o objetivo de manter “amizades virtuais”, que nunca foram a um encontro e que não pretendem fazê-lo.

Cássia Eller, Elis Regina, Tiê, Elza Soares, Karol Conká e Roberta Miranda fazem parte da maioria que diz sentir medo desses homens com os quais interagem por meio do Tinder. Elas estão entre as 107 interlocutoras que responderam sobre se preferiam encontrar com os homens que conhecem pelo aplicativo em ambientes públicos ou privados e por qual motivo. No total, 104 (97%) disseram que preferem se encontrar com homens que conhecem pelo Tinder em ambientes públicos porque sentem medo; uma (1%) disse que preferia o encontro em local público por conta da timidez, alegando que se sentiria mais confortável com mais pessoas em volta; e duas (2%) disseram que preferem lugares públicos porque não querem estabelecer relações sexuais com esses sujeitos, ao menos, não no primeiro encontro. Entre as mulheres que responderam ter medo, 48 (40,4%) disseram espontaneamente, quando perguntadas sobre o que temiam, ter medo de um “psicopata”, “maníaco”, “criminoso”, “louco” ou “pessoa de má índole”. O número chega a ser maior do que aquelas que dizem temer serem vítimas de um estupro – 47 mulheres (39,5%) afirmaram ser esse o maior temor que sentem. No entanto, é preciso ressaltar que, nesse caso, é possível dizer que os medos se sobrepõem, considerando que muitas das que têm medo do psicopata temem que ele possa estupra-las e muitas das que têm medo de estupro entendem que esse crime pode ser cometido por um maníaco. Ainda conforme o levantamento feito durante o trabalho de campo, 6 mulheres (5%) disseram que temem outro tipo de agressão física, 4 (3,4%) afirmaram temer ser vítimas de assalto, 2 (1,7%) disseram que temem

ser vítimas de assassinato, 1 (0,8%), de ser sequestrada, outras 2 (1,7%), que têm outros tipos de medo (de o sujeito ser feio e de não gostar delas) e 9 (7,5%) não responderam a pergunta.

Diante desse temor de serem vítimas de violência em um encontro do Tinder, as mulheres entrevistadas ao longo desta pesquisa disseram que traçam estratégias para se sentirem mais seguras nesses encontros, o que nos leva a considerar a ponderação de Delumeau (2009, p. 12) segundo o qual: “não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidas em um diálogo permanente com o medo”. Considerando este argumento de Delumeau a partir da perspectiva dessas mulheres, é possível dizer que há, coletivamente, uma negociação permanente com o medo no uso que fazem do aplicativo. Essa preocupação também é observável no próprio Tinder que divulga em seu site⁷ dicas de comportamento on-line e off-line para seus usuários e explica como marcar encontros com segurança. As dicas do aplicativo incluem investigar quem é o outro, marcar encontros em local público e avisar amigos, exatamente a mesma linha que seguem as interlocutoras desta pesquisa, que não disseram ter se preocupado em ler as dicas de segurança do aplicativo – muitas delas sequer sabiam que elas existiam –, considerando que essas são medidas que costumam tomar em outros âmbitos da vida.

Ancorado na justificativa de que a segurança dos usuários é uma prioridade da ferramenta, o Tinder diz que “por você estar no controle de sua experiência no Tinder, há certas medidas de segurança que devem ser seguidas durante seus encontros – tanto online como off-line”. O texto – que está disponível no site da plataforma, traduzido para o português – diz, ainda, que encoraja as pessoas a seguirem as orientações com relação à própria segurança pessoal e ao bem-estar, mas ressalta que não há ninguém melhor do que o próprio usuário para julgar o que é melhor para si e para a sua segurança pessoal.

As precauções, segundo o site do Tinder, devem começar já no âmbito on-line, de modo que o usuário “proteja suas finanças e nunca envie dinheiro ou informações financeiras”, jamais respondendo a solicitações de envio de

7. Disponível em tinder.com/safety, acessado em 30 de maio de 2019.

dinheiro e denunciando essas práticas; “proteja suas informações pessoais”, como número de cartão de crédito, informações bancárias ou endereço profissional ou residencial; “seja inteligente ao usar a internet”, bloqueando e denunciando usuários suspeitos e mantendo a conversa na plataforma, já que “pessoas de mau caráter tentarão migrar as conversas para textos, e-mails pessoais ou telefonemas”; “denuncie todos os comportamentos suspeitos” e, por comportamento suspeito a plataforma entende pessoas que pedem dinheiro ou doações, que pedem fotografias, menores de idade, pessoas que mandam mensagens perturbadoras ou ofensivas, usuários que se comportam de maneira inadequada após terem se conhecido pessoalmente, perfis falsos, solicitações para tele-sexo ou para venda de produtos.

Já com relação ao âmbito off-line, o texto publicado pelo Tinder diz que “os primeiros encontros são emocionantes”, mas sugere que o usuário “sempre tome precauções e siga estas orientações para garantir sua segurança”. O que se segue, como dito anteriormente, são dicas muito parecidas com as precauções que fazem parte dos discursos das interlocutoras ouvidas ao longo do trabalho de campo desta investigação. Para alertar seus usuários, o Tinder recomenda: “conheça melhor a outra pessoa”, mantendo conversas restritas à plataforma, já que “as pessoas de mau caráter costumam forçar conversas fora da plataforma logo no início” e cabe ao usuário “pesquisar e realizar a devida diligência”; “encontre-se e permaneça sempre em locais públicos [...] onde haja pessoas – nunca se encontre com alguém em um local privado ou remoto, na sua casa ou apartamento” e acrescenta que, em caso de ser pressionado pelo outro, o usuário deve terminar o encontro e ir embora; “conte a seus amigos ou parentes sobre seus planos”, dizendo quando e para onde vai e mantendo o celular com bateria carregada por perto; “vá e volte do seu encontro em seu próprio veículo”, acrescentando que o usuário precisa estar no controle para poder se locomover “especialmente se algo der errado”; “mantenha-se lúcido”, ponderando que o consumo de álcool e de drogas pode prejudicar o julgamento do usuário e colocá-lo em perigo e alertando para o conhecido “boa noite, Cinderela”, quando diz que “saiba que pessoas de mau caráter podem tentar se aproveitar de você alterando sua(s) bebida(s) com substâncias sintéticas”. Esse,

especificamente, é, segundo Donovan (2016), um dos grandes medos mais consolidados em nossa sociedade, sobretudo depois que jornais começaram a alertar as pessoas sobre o potencial dessas novas drogas e associar seu uso a fins como roubo, iniciação à dependência de drogas e álcool e violência sexual.

Em seguida, o aplicativo alerta, ainda, para cuidados que os usuários devem ter em relação à própria saúde, sobretudo caso optem por envolver-se em atividades sexuais. Nesse sentido, o Tinder diz que é importante que o usuário: “proteja-se” com preservativos para evitar Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs); “seja franco e honesto”, falando sobre as últimas vezes em que fez exames para detectar DSTs e se teve ou tem alguma delas; “vacine-se” contra doenças sexualmente transmissíveis e “conheça suas condições de saúde” para evitar a propagação de doenças. Por fim, como mais um alerta, o Tinder aconselha os usuários ligarem para o número 190, da Polícia Militar, caso algo como “ameaças de violência ou violência sexual ou algo que possa colocar sua saúde ou a de outra pessoa em risco” aconteça. A seguir, reproduzo alguns relatos de interlocutoras contatadas por meio do aplicativo acerca das estratégias que usam para se sentirem mais seguras em encontros iniciados pelo Tinder:

“Eu sempre troco Whatsapp e fico conversando alguns dias... e, daí, marco em local público e sempre aviso uma amiga, tento ver o Facebook e o Insta da pessoa” (interlocutora de 28 anos).

“Mas, em todos os encontros que tive, sempre deixo o telefone e fotos do rapaz com uma amiga, aviso onde vou e dou previsão de volta. Se, em 6h de tolerância, eu não der sinal de vida, aconselho ela a ir à polícia” (interlocutora de 29 anos).

“Quando você sai com alguém, avisa uma amiga, diz o nome e a placa do carro e você liga pra ela pra avisar que está bem” (interlocutora de 20 anos).

“Aviso uma amiga, mando número, foto da pessoa, placa, modelo, para onde estou indo e, se mudo de lugar, mando a localização” (interlocutora de 23 anos).

“Mas antes de marcar algo ao vivo, também tento ver as redes sociais da pessoa como Facebook e Instagram, para ver se a história que a pessoa está contando bate. Bem louca, se diz que faz pesquisa, vou no Lattes, jogo o nome no Google” (interlocutora de 31 anos).

“Sempre deixo algumas amigas de sobreaviso porque sabe como é. A gente nunca acha que vai acontecer com a gente. E sempre dou uma olhada nas redes sociais da pessoa para ter certeza que não é fake, ver se estuda, se trabalha, se não é fake” (interlocutora de 25 anos).

É possível notar, a partir dessas declarações, que existe uma preocupação intensa acerca, por parte dessas mulheres, acerca de quem é, de fato, aquele homem com o qual estão interagindo pelo aplicativo. Nesse sentido, nota-se que, antes de partir para um encontro face a face, as usuárias se preocupam em estabelecer um diálogo prévio. Enquanto isso, elas ganham tempo para buscar mais informações (na maioria das vezes, em outras redes sociais) sobre o sujeito com o qual conversam. Só depois de se certificarem de que o que o homem diz ser corresponde ao que ele aparenta ser em outras plataformas, elas se sentem mais seguras para marcar um encontro. Além disso, grande parte delas sempre avisa alguma amiga sobre o encontro e, de preferência, dá informações acerca do sujeito, como nome, telefone e até placa do carro. Há, ainda, aquelas que combinam um horário depois do encontro para fazer contato com essas amigas e as orientam a buscar ajuda caso o combinado não se cumpra.

A partir do momento em que se sentem seguras para estabelecer esses encontros pessoais, a maioria dessas mulheres, como dissemos, opta por se encontrar com esses sujeitos em ambientes públicos, com circulação de gente. Essa decisão faz parte das estratégias de autoproteção, partindo da ideia de que, em um local assim, esses sujeitos se sentiriam inibidos para agir de maneira violenta. Ainda assim, há as que concordem em ir até as casas desses homens. Nestes casos, elas enfatizam a precaução de avisar conhecidos sobre onde e com quem estão indo. Uma delas, inclusive, comprou uma arma de choque que costuma esconder no sofá de casa quando vai receber alguém. Ela também diz que leva o equipamento junto mesmo quando o encontro se dá em um ambiente público:

“Se eu opto por ir na casa do cara, eu deixo umas duas pessoas avisadas exatamente de onde eu vou, só por precaução, hahahaha, do tipo ‘se eu não der notícia em tanto tempo, me procure’” (interlocutora de 22 anos).

“Nessa ocasião, ele me pegou em casa de moto e fomos para a casa dele, em um lugar que eu não conhecia, ou seja, eu não estava no meu território.

Por via das dúvidas, deixei uma amiga avisada, falando do bairro para onde eu estava indo e tal” (interlocutora de 31 anos).

“Raramente marco encontros com caras por aqui. Nas vezes em que marquei foi em lugares públicos (exceto uma vez que o cara veio aqui em casa, mas a gente já conversava a um tempo e eu escondi uma arma de choque no sofá por via das dúvidas) hahahaha. Aliás, sempre levo uma arma de choque junto quando vou sair com alguém. Nunca precisei usar, mas são homens que não conheço bem, então...” (interlocutora de 26 anos).

As estratégias de segurança adotadas por ela são comuns, também, entre as interlocutoras com as quais as conversas foram mais aprofundadas. Todas parecem ser reflexos do medo do crime e, analisando as falas dessas mulheres, as quais vou reproduzir a seguir, é possível pensar o comportamento dessas usuárias do Tinder a partir do modelo de “Crenças de Perigo”, de Borges (2011, p. 81), que diz que a reação emocional ao medo está ligada a cinco crenças: a de que o indivíduo é um alvo atrativo (algo que se faz presente nos discursos da maioria das interlocutoras ouvidas ao longo do trabalho de campo – elas acreditam tanto que são um alvo em potencial que criam estratégias para se proteger de uma possível violência); a de que determinado ambiente é perigoso (no caso, o ambiente privado, para a maioria das usuárias do Tinder que participaram desta pesquisa); a de que há muita violência na sociedade (o que também fica presente nas falas de diversas delas quando dizem que mulheres são vítimas de crimes o tempo todo); a de estar desprotegido (sozinhas em um ambiente privado com um homem desconhecido, elas se sentem desprotegidas); e a crença da presença de um potencial ofensor (no caso, o desconhecido da internet).

Cássia tinha 32 anos quando nos encontramos. Ela trabalha em um negócio próprio, é casada com um homem há quase uma década e mãe de dois filhos. Entrou no Tinder em março de 2018 e, em setembro, já havia desativado a conta. A busca de Cássia por homens e mulheres na ferramenta foi motivada, segundo ela, pelo desejo de vivenciar novas experiências homoeróticas, pela falta de conexão com o marido, sempre muito cansado, e pela vontade de ter com quem conversar. Sua permanência no Tinder foi encerrada pela culpa

de estar se sentindo infiel ao companheiro. Apesar de se sentir mal enquanto esposa, não descarta voltar ao aplicativo a qualquer momento.

Eu encontrei com essa mulher nesse meio tempo em que estava procurando uma pessoa para nós dois, mas ele nunca ficou sabendo e ele nunca vai ficar sabendo. Mesmo sendo mulher, antes desse encontro, eu tinha feito uma investigação, tinha adicionado no Face, já conhecia virtualmente por outros amigos, a gente não sabia, mas tinha muitos amigos em comum no Facebook e isso me deixou mais confortável, mesmo que não garanta nada. Mas, por ser mulher, já é uma grande coisa. Eu convidei ela para ir na minha casa. Eu confiei porque já tinha feito essa investigação e porque era mulher, porque, se fosse um homem, eu jamais teria levado na minha casa. Jamais, jamais. Talvez por segurança, eu até levasse, mas meu trabalho vincula ao meu endereço e aos meus filhos. Daí, eu disse para ele que, se ele tivesse tempo, a gente poderia se encontrar naquela hora, rapidinho. E aí eu encontrei com ele ali perto de casa mesmo. Fiquei com medo por não conhecer ele, por ser alguém bem estranho, porque ele nem daqui é, tem outro sotaque, não sei. Mas, assim, aquela coisa, todas as informações que ele me passou, eu olhei o Instagram dele, e tudo que ele me falou eu consegui confirmar, buscando daqui e dali... isso é o ócio, só o ócio, porque só a pessoa que não tem o que fazer fica investigando (entrevista realizada com Cássia através do Tinder em 2018).

Como é possível notar, Cássia também tomava as precauções comuns às demais interlocutoras desta investigação: conversava muito com homens e mulheres antes de partir para o encontro pessoal, buscava informações adicionais em outras redes sociais e com amigos em comum. A única diferença de percepção de risco, para ela, estava no fato de que tinha mais proximidade com a mulher com a qual se encontrou, o que a fez se sentir segura para convidá-la para um encontro em casa. Já com relação ao homem, o medo a impediu de estabelecer com ele um encontro em um ambiente mais íntimo ou privado.

Elis tinha 39 anos (mas dizia ter 30, no perfil do Tinder), é dentista e

criou um perfil no Tinder em julho de 2018. Em novembro do mesmo ano, quatro meses depois de instalar o aplicativo, disse que havia saído do Tinder por falta de paciência para conversar com os rapazes. Sua busca por homens pela ferramenta teve início após o fim doloroso de um relacionamento e foi incentivada por amigas que já tinham perfis no Tinder. Não descarta reativar a conta no aplicativo a qualquer momento. Influenciada por amigas que a aconselharam a criar o Tinder, Elis começou a tomar precauções pensando na própria segurança já no momento em que estava fazendo o perfil no aplicativo. Depois que se tornou ativa na ferramenta, ela passou a também exigir medidas de segurança das amigas e da irmã, recém-separada, a quem ela estava aconselhando a criar um perfil no Tinder.

Minha amiga que me ajudou a criar meu perfil ia me dizendo todas as coisas: tu vai pedir redes sociais, tu nunca vai dar teu WhatsApp logo de cara. Pelas outras redes sociais, tu vai vendo quem é o cara e, quando tu for sair com ele, tu vai nos avisar. E tem mais uma amiga que também está no Tinder e pensa do mesmo jeito. Então, as duas foram me falando como é: quando tu for sair, tu vai nos avisar, que horas, onde tu vai, quem é esse cara e, quando tu chegar, tu também vai nos avisar. Minha irmã se separou agora e não quer fazer Tinder, mas eu disse para ela fazer. E, se ela fizer, vou alertar para todos esses cuidados, claro. Então, o processo básico é: deu match, começamos a conversar, eles pedem o whatsapp. Daí, eu pergunto se tem outras redes sociais. A maioria já começa a desconversar e eu já fico desconfiada... Todo mundo tem. Então, a pessoa me dizer que não tem Facebook, que não tem Instagram, é muito esquisito. Então, ali tu vai olhar quem são os amigos, o que a pessoa gosta de fazer, se é casado ou não, a opinião política, porque as pessoas postam. Se eu gostar do que vi nas redes sociais e se eu confirmar que a pessoa é mesmo aquilo que ela diz que é, eu dou o meu Whatsapp. Tem muita mentira. Por isso, só depois desse processo inicial, eu dou o Whats para conversar e combinar de se encontrar. Sinto medo por ser mulher. Os caras são mais fortes. Se eu gostar do que vi nas redes sociais e se eu confirmar que a pessoa é mesmo aquilo que ela diz que é, eu dou o

meu Whatsapp. Avisei os amigos nos primeiros encontros. Inclusive o que eu saí duas vezes. Mandeí fotos, nome, até para elas verem quem era o cara (entrevista realizada com Elis através do Tinder em 2018).

As estratégias usadas por ela são muito parecidas com as relatadas pelas demais interlocutoras desta investigação. Já partindo da premissa de que “há muita mentira” no Tinder, ela investiga as demais redes sociais dos homens com os quais se relaciona pela plataforma, conversa muito com cada um deles e, só depois, marca um encontro. Antes mesmo de sair de casa, manda fotos dos sujeitos para amigas e as deixa avisadas sobre onde vai, a não ser em casos de segundos encontros com a mesma pessoa nos quais, se sentindo mais segura, não via necessidade de avisar onde ia. Mesmo assim, avisava com quem estava.

Tiê tinha 30 anos quando nos encontramos, em uma cafeteria em um bairro da cidade. Fisioterapeuta, disse que entrou no Tinder com o objetivo de conhecer homens com quem pudesse se relacionar sexualmente. No entanto, ao longo de nossa conversa, afirmou que nutria uma esperança de encontrar um relacionamento duradouro e um amor de verdade por meio da ferramenta. Em dezembro de 2018, seguia no Tinder. Foi, dentre as interlocutoras, a que se mostrou mais entusiasmada e esperançosa com a ferramenta. Tiê disse, em um primeiro momento, que não investigava os perfis dos homens com os quais conversava pelo Tinder. Mas, depois, admitiu que, assim como as demais, primeiramente, conversava bastante, depois passava a observar outras redes sociais e, então, investigava porque se sentia desconfiada diante da possibilidade de marcar um encontro pessoal:

Eu não investigo os caras antes. Eu troco uma ideia para ver se eu curto a conversa. Esse lance de conversa é muito importante pra mim porque me motiva. Porque, imagina, eu chego aqui, tu é um cara, a gente fica se olhando, o cara é só bonito? Daí vai ficar só olhando para o cara bonito? Não serve para mim, um cara só bonito. Serve um cara que converse. Aí, depois disso vai rolar um Whatsapp, depois disso vai rolar um Instagram, um Facebook. Daí tu investiga, mas é porque houve uma troca. Mas é claro que se tu vai

marcar um encontro... eu fico desconfiada, claro (entrevista realizada com Tiê através do Tinder em 2018).

Elza tinha 42 anos no dia em que nos conhecemos, em outra cafeteria do centro da cidade. Professora universitária, estava há mais tempo no Tinder do que as demais interlocutoras – criou o perfil em 2014 e, de lá para cá, fez usos diversos da ferramenta. Quando nos encontramos, em novembro, ela já havia desinstalado o aplicativo. A mudança foi ocasionada pela maternidade. A filha de Elza chegou aos braços dela em fevereiro de 2018, transformando a rotina e roubando a atenção de todo o resto, inclusive, do Tinder. Além disso, Elza não quer se relacionar com qualquer pessoa após da chegada da filha. De qualquer forma, não descarta uma eventual volta ao aplicativo. Precavida, ela conta que, além da maternidade, a experiência que viveu logo que entrou no aplicativo a fez se dar conta, um dia, que precisava ser mais cautelosa.

2015 foi o ápice do Tinder. Eu nunca vi tanto pau na vida. Às vezes, eram dois por dia. Eu tentava organizar um, outro, às vezes, três falavam comigo ao mesmo tempo. Era uma confusão. E daí, quando 2015 passou, veio 2016, a coisa foi um pouco mais devagar, e aí eu refleti e caiu a ficha. Eu pensei: cara, tu é muito retardada. Porque eu não sabia quem eram aquelas pessoas. Eu podia ter sido morta, estuprada, espancada, podia ter sido um monte de coisa. E daí me caiu a ficha e eu digo: gente, tu te expôs muito, muito, muito. Porque chegou um ponto que eu conversava com um cara e dizia: vamos transar? Ah, vamos. E eu nunca mais via, não sabia o nome, quem era, não sabia nada. Tu entende? Quando me caiu a ficha, eu pensei: tu é muito louca. Mas foi bem divertido. E graças a Deus, eu acho que eu tive muita sorte. Hoje, vendo, assim, eu acho que eu tive muita sorte. Eu já tinha medo, mas agora eu tenho mais. E esse medo veio de quando eu me dei conta que eu me expus demais. Porque ninguém nunca me relatou que teve um encontro tenso, que foi trancada dentro de um quarto. Mas depois eu me dei conta que, sim, poderia ter acontecido muitas coisas. E antes eu não me dei conta, eu ia encontrar direto para motel e casa e muitos deles

eu não sei nem quem são. E quando eu me dei conta, eu parei de sair tanto. Porque minhas amigas disseram: cara, tu é louca. E eu me dei conta porque elas falaram e porque eu refleti. não chegou a acontecer nada de ruim, mas foi pela análise mesmo de tudo o que poderia ter acontecido. Foi divertido? Foi. Mas poderia ter acontecido algo muito ruim (entrevista realizada com Elza através do Tinder em 2018).

Como é possível notar, Elza desenvolveu um medo de se relacionar com os homens depois de experiências divertidas com sujeitos que conheceu apenas de maneira superficial. Ou seja, passou a temer a partir de uma percepção sem relação com trauma ou com qualquer experiência ruim. O medo transformador de Elza diz respeito às reflexões sobre o que poderia ter acontecido e que ela quer evitar, mesmo diante da afirmação de que se divertiu nesses encontros e que, no fim das contas, foram experiências positivas que a ajudaram no resgate da autoestima abalada pelo fim de um relacionamento traumático. Desde que teve esse momento de reflexão, ela passou a desenvolver estratégias de auto-proteção antes de se encontrar com os homens que conhecia pelo aplicativo. O trabalho consiste, basicamente, em investigar as outras redes sociais desses homens e marcar os encontros em ambientes públicos:

Porque tem muita gente mentirosa no aplicativo. As pessoas inventam uma vida. As pessoas inventam o que elas quiserem, elas podem ser o que elas quiserem. Mentem tudo, nome idade, o que fazem, o que não fazem. Dificilmente a pessoa é aquilo que ela diz. E acho que também tem a questão da malandragem e entender o que é. E de se dar conta que tu está se expondo sim e que as pessoas podem sim chegar até ti. Teve um cara uma vez que eu conheci e ele me disse: já achei teu Face. E eu disse: como assim? E ele: ah, eu fui te investigar, tu não me investigou? E eu disse: não... Aí, eu pensei: meu Deus, eu sou uma idiota. Eu não investigava, mas agora eu investigo. Eu me dei conta que eles também fazem isso e agora eu faço também. Se o cara me interessa, eu vou atrás também (entrevista realizada com Elza através do Tinder em 2018).

Karol tinha 21 anos quando nos encontramos em outra cafeteria, na região central da cidade. É estudante universitária, mantém um pequeno negócio, mas está em busca de um emprego formal. Criou um perfil no Tinder em 2018, em busca de sexo casual, depois de passar por dois relacionamentos difíceis e traumáticos. Permaneceu por dois meses no aplicativo, até começar a namorar um homem que não conheceu no aplicativo. No dia de nossa entrevista, havia desinstalado a ferramenta do celular, mas não descarta retornar ao Tinder, mesmo namorando, para, segundo ela, poder satisfazer desejos de ordem sexual. Para Karol, é importante que uma amiga saiba sempre com quem ela está e, se puder, ela manda o número da placa do sujeito e uma localização de onde está para caso precise de socorro.

Quando eu saía com esses caras do Tinder, eu avisava minhas amigas. Às vezes, eu dizia que ia lá fora fumar um cigarro só para olhar a placa do carro e mandar para uma amiga, mandava localização, fazia isso sim. Sempre avisava. Tu precisa estar todos os dias se cuidando porque é muito perigoso. Tu nunca sabe quem são as pessoas de verdade. E eu sou muito neurótica com isso (entrevista realizada com Karol através do Tinder em 2018).

Roberta tem 27 anos, é graduada e pós-graduada na Universidade Federal de Santa Maria, estuda e, em dezembro de 2018, estava em busca de um emprego. Criou o Tinder pela primeira vez em 2014, mas usou só por um mês e começou a namorar um homem que não conheceu pelo aplicativo. Sua volta ao Tinder ocorreu em outubro de 2017, quando ela tinha o objetivo de se relacionar com homens, palavras dela “como quem vai para uma balada”. Nossa entrevista aconteceu por partes, ao longo de três dias, e foi feita por meio da troca de áudios pelo aplicativo WhatsApp por sugestão de Roberta. Também muito precavida, por sentir que pode ser uma vítima em potencial, de um ofensor provável, Roberta diz ter criado um manual próprio de como se proteger, física e emocionalmente, de um encontro com um desconhecido no Tinder. A ideia dela, além de encontrar com esses sujeitos apenas em locais públicos, é manter, pelo máximo de tempo possível, uma conversa pelo aplicativo por meio do qual, segundo ela, é mais fácil de “sumir”:

Dá pra dizer que eu tenho umas regrinhas de uso que eu mesma criei. Não saio com a mesma pessoa mais uma vez em uma semana, não passo meu número de telefone direto, eu espero pelo menos alguns dias de conversa antes disso, tento conversar com a pessoa sobre assuntos diferentes, entender o que ela gosta de fazer, ver se ela se contradiz em algum momento. Então, se eu acho que alguém está meio esquisito, eu desfaço a combinação ali e sumo, a pessoa some e está tudo certo. Eu acho que o aplicativo acaba nos protegendo um pouquinho porque tu acaba tirando uma perspectiva de quem é essa pessoa antes de se atirar de cabeça, e aí tu consegue tirar uma febre antes. Algumas coisas eu vou utilizando como corte. Conversou, foi estúpido, já corto, vou cortando por alguns quesitos coisas que, para mim, pareça que não pegou, eu já corto, mudo de assunto, sumo, porque tem jeito de ser furada. Mas é claro que isso funciona no caso da estratégia que eu uso, que inclui conversar alguns dias no aplicativo antes de dar meu contato de telefone, isso quando eu não dou Instagram primeiro antes de dar meu telefone para depois escalonar. Segura, segura, a gente não está nunca, né? Nem dentro de casa, porque, a qualquer momento alguém pode invadir e, enfim. Mas são tentativas de se proteger e de cuidar de si (entrevista realizada com Roberta através do Tinder em 2018).

As regrinhas que Roberta acredita ter criado e que usa para se proteger dos homens com os quais conversa no Tinder, como vimos, são comumente usadas pelas mulheres ouvidas ao longo desta investigação. Para elas, conversar com esses sujeitos, investigar as outras redes sociais das quais fazem parte e avisar conhecidos sobre o encontro para que possam tomar providências caso algo inesperado aconteça são atitudes usuais entre as mulheres que vivem em permanente negociação entre o desejo de estabelecer o encontro e o medo de serem vítimas de violência.

Considerações finais

Dadas as estratégias de autoproteção desenvolvidas pelas mulheres ouvidas ao longo desta investigação, é possível notar que há mecanismos comuns

nas tentativas de evitar serem vítimas de violência de alguma ordem. Mas é interessante notar que o medo tem uma potência muito grande sobre o comportamento dessas mulheres. Pensando a partir da perspectiva de Elza, por exemplo, que vivenciou diversos encontros com desconhecidos sem jamais ter sido vítima de qualquer tipo de agressão ou ofensa, percebe-se que essa emoção se manifesta apenas a partir de uma percepção do risco. Ela tem medo do que poderia ter acontecido (mas não aconteceu) e isso, agora, é determinante para que decida por aceitar um encontro ou não.

Também durante essa investigação, perguntamos às mulheres usuárias do Tinder em Santa Maria-RS se já haviam vivenciado alguma situação em que se sentiram ameaçadas ou que o medo tenha se feito presente durante um encontro com um homem que conheceram pelo aplicativo. Entre as 129 que disseram que costumam se encontrar com homens que conhecem pelo aplicativo, 103 (78%) disseram que nunca passaram por nenhuma situação, em um encontro, que as deixasse com medo; quatro (3%) responderam que vivenciaram situações constrangedoras, mas nenhuma foi vítima de violência; e 21 (19%) não responderam. Já entre as 132 interlocutoras que responderam a todas ou parte das perguntas e que não necessariamente marcam encontros, 102 (79%) disseram não conhecer ninguém que tenha tido um encontro difícil com alguém que conheceu pelo Tinder; 2 disseram que têm amigas que tiveram encontros ruins, mas não relataram violência (2%); e 28 (19%) não responderam.

Ou seja, embora nunca tenham – ou tenham poucas vezes – vivenciado um encontro difícil por meio da plataforma e, embora não conheçam ninguém – ou poucas pessoas – que tenham enfrentado situações de constrangimento ou abuso em momentos intermediados pelo aplicativo, essas mulheres apontam o medo como um elemento central de suas sociabilidades. Além disso, a maior parte das mulheres entrevistadas afirmou que notícias e relatos de casos de abuso exercem influência sobre essa percepção que elas têm de que o sujeito do outro lado da tela pode ser perigoso. Sem desconsiderar o contexto social permeado pela violência de gênero em que estão inseridas essas mulheres, trabalhamos, aqui, com a ideia de que, diante de uma grande repercussão, casos que, em sua maioria, são isolados e que, portanto, não representariam um

perigo generalizado à população, ganham contornos de lendas urbanas e passam a povoar a imaginação dessas mulheres de modo a fazê-las terem medo. O papel da mídia é, portanto, central nesses casos de disseminação do temor, já que a credibilidade da apuração e da publicação jornalística é inquestionável por boa parte de seu público, tornando legítimas e verdadeiras situações que podem ter origem em um boato sensacionalista.

Diante destes dados, podem ser resgatadas as contribuições de Barbalet (2001) e Borges (2011) acerca do debate sobre o medo social, neste caso, a exposição continuada a notícias de violência contra a mulher, a despeito de sua pouca significância estatística, levam a uma percepção de que o risco de violência é real e provável. No entanto, apesar deste medo, entendemos que essas mulheres encontram na plataforma a oportunidade de exercer o desejo nos termos propostos por Miskolci (2017), de forma mais livre e autônoma, além de se sentirem mais bonitas, atraentes e desejadas, mas, em contrapartida, negociam essa busca livre com o preconceito, o estigma e a vergonha que as ronda por empreenderem uma iniciativa em favor do próprio desejo. Essas emoções são, portanto, centrais para o comportamento dessas mulheres, para que os encontros passem da esfera on-line para a off-line e para que essas usuárias deste e de outros aplicativos consigam vivenciar relacionamentos de diferentes ordens com os homens pelos quais se interessam.

Referências

BARBALET, Jack M. **Emoção, Teoria Social e Estrutura Social**: uma abordagem macrossocial. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BORGES, Doriam. **O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro**: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo. Curitiba: APPRIS, 2011.

BRUNVAND, J. H. **The Big Book of Urban Legends**. New York: Paradox Press, 1981.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

DIGITAL 2019: GLOBAL INTERNET USE ACCELERATES. Disponível em <<https://>

wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>. Acesso em 31 de maio de 2019.

DONOVAN, Pamela. **Drink spiking and predatory drugging**: a Modern History. New York: Springer Nature, 2016.

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo**. Trad. Laura Knapp. São Paulo: Francis, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Sociologia Digital**: notas sobre pesquisa na era da conectividade. Contemporânea. Volume 6, n. 2 p. 275-297, 2016.

PANORAMA DE SANTA MARIA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama>>. Acesso em 30 de maio de 2019.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAS DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <www.ibge.org.br>. Acesso em 30 de maio de 2019.

TINDER. Disponível em <www.tinder.com>. Acesso em 30 de maio de 2019.

VAN DIJCK, J. **La cultura de la conectividad**: una historia crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.

Recebido: 12/11/2019

Aceito: 11/12/2019